

# EXPLICANDO AS “RIGIDEZES FLEXÍVEIS” DO LESTE ASIÁTICO\*\*

Henrique Grazziotin\*

**Palavras-chave:** Leste Asiático. Desenvolvimento. Estado Desenvolvimentista.

**Keywords:** East Asia. Development. Developmental State.

O desenvolvimento econômico dos países do leste asiático a partir dos anos 1950 é, com certeza, um dos fenômenos mais relevantes na história econômica mundial desde o pós-guerra. Com a liderança do Japão, o primeiro dessa região a apresentar transformações estruturais em grande escala, seguido por Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Singapura e China, esse período representou para esses países uma considerável melhoria no padrão de vida da população, com elevado crescimento de renda *per capita*. Esse processo transformou as suas estruturas produtivas, levando a uma reorganização mundial da produção, com impactos diretos em países da Europa Ocidental e da América do Norte. Com espetacular sucesso em muitos mercados de exportação a partir da transformação tecnológica na sua matriz de produção, o fenômeno é ainda mais surpreendente para os países asiáticos porque são países que têm como característica uma baixa dotação de recursos e elevada densidade populacional.

O sucesso em setores industriais de alta tecnologia, como eletrônicos e automóveis, é uma consequência da rápida capacidade de transformação estrutural adquirida nesse período, assim como a capacidade de ajuste aos choques externos dos anos 1970 e 1980. A partir disso, muitas foram as interpretações que surgiram entre os pesquisadores de história econômica para o sucesso do leste asiático no pós-guerra, inexistindo consenso em relação a quais seriam as suas causas. Nesta resenha, o objetivo é resumir algumas das considerações de Ha-Joon Chang acerca desse processo, com enfoque na ideia das “rigidezes flexíveis” existentes no leste asiático, explorando a relação entre flexibilidade e rigidez de mercado e seus impactos para o desenvolvi-

\* Mestrando em Economia do Desenvolvimento pelo Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE-UFRGS) e bacharel em Ciências Econômicas laureado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: henrique.grazziotin@gmail.com

\*\* CHANG, Ha-Joon. Explaining “Flexible Rigidities” in East Asia. In: CHANG, Ha-Joon. The East Asian Development Experience: the Miracle, the Crisis and the Future. Penang/New York: TWN/ Zed Books, 2008.

mento. A explicação dessa relação está presente em seu trabalho *Explaining "Flexible Rigidities" in East Asia*, publicado no seu livro *The East Asian Development Experience: the Miracle, the Crisis and the Future*.

Chang faz parte de uma série de economistas que, a partir da singularidade da experiência apresentada pelos países do leste asiático, passaram a estudar o desenvolvimento da região em perspectiva histórica, com enfoque na atuação dos Estados desenvolvimentistas. Entre esse grupo de autores, destacam-se Chalmers Johnson (1982), Peter Evans (1995), Alice Amsden (1989) e Robert Wade (1990), que buscaram entender as diferentes esferas da relação entre Estado, sociedade e ambiente econômico, com enfoque nos elementos que capacitam, ou não, o Estado a impulsionar transformações estruturais de grande porte. Seus estudos foram relevantes não só para entender a experiência histórica específica do caso asiático, mas também como lição para os demais países atualmente em desenvolvimento, que almejam transformações semelhantes. A influência dos teóricos do Estado desenvolvimentista é crescente em regiões como a América Latina, e, apesar do reconhecimento do caráter único e específico de cada experiência de desenvolvimento econômico, seus estudos são essenciais para melhor compreender as relações entre Estado e sociedade.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento do leste asiático é, acima de tudo, um fenômeno de alta complexidade que envolve muitos elementos diretamente correlacionados, como a estrutura de classes de cada sociedade nacional e a correlação de forças existentes na sociedade, a capacitação da burocracia dos diferentes Estados, a inserção internacional de cada país em termos políticos e em termos econômicos, a capacitação tecnológica desenvolvida na indústria, entre outros. Portanto, a sua explicação requer um amplo esforço de pesquisa para desmistificar o processo. *The East Asian Development Experience* é uma coletânea que busca contribuir nesse sentido, sendo composta por artigos publicados por Chang entre 1990 e 2000, explorando alguns dos diversos fatores explicativos a que se poderia atribuir o desenvolvimento asiático. O livro apresenta também uma discussão abrangente sobre a crise financeira asiática e sobre o futuro da região no período pós-crise.

Uma das principais explicações de Chang para o "milagre" asiático está na existência de "rigidezes flexíveis", um fator explicativo contrário às políticas propostas pela visão econômica convencional. A perspectiva de Chang aponta para o fato de que a atuação do Estado e dos agentes do setor privado na criação de rigidezes, que seriam, na visão neoliberal, empecilhos para a alocação eficiente dos fatores econômicos, foi, na verdade, um fator crucial para explicar o sucesso desses países. Partindo da noção de eficiência dinâmica, Chang argumenta que restrições à mobilidade dos fatores (rigidez), apesar de reduzirem a flexibilidade dos mesmos no curto prazo, podem levar a uma maior flexibilidade no longo prazo, devido ao maior crescimento econômico possibilitado.

Chang inicia sua exposição com a interpretação neoliberal das causas do desenvolvimento econômico do leste asiático.<sup>1</sup> Essa concepção atribui o sucesso asiático a políticas de livre mercado, a partir da ideia de que quanto maior for a flexibilidade de alocação dos fatores de produção, mais eficiente será o processo produtivo. Nesses termos, é comum a argumentação neoliberal de que toda rigidez, ao impedir a alocação eficiente dos recursos, é sinônimo de ineficiência econômica, sendo a atuação do Estado um dos principais causadores de rigidez de mercado e de problemas alocativos. Consequentemente, as flexibilidades geradas por um “Estado mínimo não interventor”, seguindo a lógica neoliberal, fariam com que os recursos seguissem livremente os sinais de preço dos mercados, na busca pela alocação mais rentável, e levariam à alocação ótima. Portanto, o caso do desenvolvimento dos países do leste asiático no pós-guerra seria interpretado por economistas neoliberais como causado pela plena flexibilidade do livre mercado.

Chang afirma que, na verdade, muitas das rigidezes associadas a problemas econômicos pelos neoliberais existiam no leste asiático, sendo algumas criadas pela atuação do Estado e outras pelo próprio comportamento do setor privado, e que elas não necessariamente foram danosas para o desenvolvimento, mas benéficas. Como exemplo, há a atuação do Estado na aplicação de uma política industrial seletiva para setores específicos, com fortes restrições à entrada e saída de mercados, a mudanças na capacidade produtiva, a mudanças nos preços e a escolhas das técnicas produtivas. Houve também ampla regulação bancária e financeira, com bancos estatais utilizando crédito direcionado para setores estratégicos, assim como controle de entrada e saída de capitais do país. No mercado de trabalho, houve a utilização de políticas de renda e de uma legislação trabalhista considerada “protetora” para o trabalhador.

Não só o Estado é capaz de criar certas rigidezes para a atividade de mercado, mas também o próprio comportamento do setor privado. Alguns mercados de consumo, por exemplo, apresentavam dificuldade para entrada de novos concorrentes devido ao alto grau de lealdade dos consumidores. A própria organização industrial criada através de redes de subcontratos (modelo organizacional *Just-in-time*) apresentava alto grau de rigidez, pois uma empresa dentro desse arranjo mantém fornecedores preferenciais através de contratos de longo prazo, desfazendo-se de possíveis lucros de curto prazo associados a menores custos com outros fornecedores. Outra prática comum do setor privado, criando rigidez, foi a manutenção de cartéis organizados por associações industriais em momentos de alto crescimento ou de recessão, com o objetivo de manter a lucratividade dos produtores ou de defender o mercado da entrada de novos concorrentes. Cabe ressaltar ainda o fato de que, no mercado de trabalho, foi prática comum a existência de empregos vitalícios para a força de trabalho japonesa, assim como a determinação do salário a

---

1. Chang caracteriza como neoliberal a “aliança profana” existente entre a escola neoclássica e a escola austríaca de pensamento econômico. A primeira seria responsável por proporcionar o instrumental matemático e analítico à visão neoliberal, dando-lhe caráter “científico”, enquanto a segunda seria responsável pelo caráter ideológico e político de defesa do Estado mínimo. Para mais detalhes, ver Chang (2002).

partir do tempo de trabalho, e não do esforço ou qualificação, como requerido por mercados de trabalho “flexíveis”.

Portanto, houve, no leste asiático, muitas das rigidezes condenadas pela visão liberalizante, sendo necessária uma reflexão teórica distinta da visão convencional para entender como elas influenciaram os resultados de longo prazo das economias asiáticas. Chang argumenta que, assumindo a existência de racionalidade limitada, rigidezes, no sentido de limitações, são uma parte essencial da vida humana, sem o qual nenhum sistema complexo poderia ser eficiente: “agentes com racionalidade limitada precisam de algumas regras comportamentais que limitam a flexibilidade de suas ações para poderem lidar com a complexidade do mundo” (p. 117, tradução do autor). Assim, certo grau de rigidez é parte essencial da vida e, conseqüentemente, do funcionamento de qualquer sistema econômico, e não elemento “artificial” criado pelo governo ou por grupos de interesse, como na concepção neoliberal.

O que Chang busca demonstrar nesse trabalho é que restrições à livre mobilidade dos fatores através de rigidez de mercado podem ser benéficas para o desenvolvimento de longo prazo de um país. A redução da flexibilidade de curto prazo dos fatores pode levar a maior flexibilidade de longo prazo caso haja investimentos em ativos específicos e necessidade de aprendizagem para gerar inovações tecnológicas. De forma análoga, a redução da flexibilidade individual pode ampliar a flexibilidade da economia nacional como um todo, pois pode levar à manutenção de fatores de produção no país, restringindo a fuga de capitais, por exemplo, gerando aumento da produção.

A experiência histórica de países como Japão, Coreia e Taiwan corroboram as ideias de Chang. Com o intuito de obter maior capacitação tecnológica para a economia nacional, houve uma atuação dos Estados nacionais em busca da transformação da estrutura econômica, com enfoque nas indústrias de alta tecnologia. Para isso, muitas vezes foi necessário reduzir a flexibilidade de curto prazo do mercado. Cartéis foram criados para defender determinados setores no Japão a partir da ideia de que a obtenção de capacitação tecnológica está diretamente relacionada à aprendizagem em determinada atividade produtiva, o que requer um ambiente estável para a inovação. Outro exemplo está nas políticas protecionistas para promover indústrias infantis. Essas políticas são formas de suspender temporariamente o mecanismo de preços para a obtenção de capacitação tecnológica. Chang ressalta que os cartéis e as políticas protecionistas foram gradualmente removidos na medida em que as empresas adquiriam tais capacitações, obtendo competitividade tecnológica.

Essas políticas proveram o tempo e os recursos para que as firmas dessas indústrias acumulassem capacitações tecnológicas através da aprendizagem, o que se provou crítico na sua posterior incursão nos mercados mundiais (CHANG, 2008, p. 126, tradução nossa).

Outra forma importante de atuação dos Estados asiáticos está relacionada a controle de capitais e a controles de importação de tecnologia. Chang afirma que os países do leste asiático adotaram uma visão sistêmica de flexi-

bilidade, não se iludindo pela ideia de que a máxima flexibilidade individual significa a máxima flexibilidade para o país lidar com problemas econômicos. Assim, a mobilidade de capital foi restringida, de forma a evitar o risco de fuga de capitais, e as tecnologias importadas foram controladas de acordo com o projeto de desenvolvimento nacional.

Por último, Chang argumenta que os Estados desenvolvimentistas não renegaram o fato de que os mercados apresentam uma natureza fundamentalmente política, diferentemente da ideia neoliberal de que os mercados devem ser “despolitizados”. Portanto, os processos de mudança estrutural de larga escala foram discutidos e resolvidos politicamente, sem relegar tal processo às forças “naturais” de mercado. Um exemplo é o programa de reestruturação industrial da Coreia, em que foram feitos acordos entre o Estado e o setor industrial para superar problemas de lucratividade.

Assim, as políticas descritas por Chang, embora sejam apenas capazes de descrever uma parte do fenômeno complexo que é o desenvolvimento asiático, se mostram muito diferentes do descrito pela interpretação convencional. Essas evidências levam a crer que, em primeiro lugar, a atuação estatal é relevante e não é necessariamente danosa para o desenvolvimento nacional. Em segundo lugar, restrições à livre mobilidade de mercado podem ser importantes no longo prazo para a nação. A leitura de Chang nos leva a crer que “há mais entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia neoclássica”. Os autores que se destinaram a estudar a experiência histórica do desenvolvimento do leste asiático têm reiteradamente colocado essas questões em pauta e sua leitura é muito relevante nos dias atuais.

## Referências bibliográficas

AMSDEN, Alice. **Asia's next giant**. New York: Oxford University Press, 1989.

CHANG, Ha-Joon. Rompendo o modelo: uma economia política institucionalista alternativa à teoria neoliberal do mercado e do Estado. In: ARBIX, Glauco et. al (Orgs.). **Brasil, México, África do Sul, Índia e China: diálogo entre os que chegaram depois**. São Paulo: UNESP; EDUSP, 2002.

CHANG, Ha-Joon. explaining “flexible rigidities” in east Asia. In: CHANG, Ha-Joon. **The east asian development experience: the miracle, the crisis and the future**. Penang: TWN; New York: Zed Books, 2008.

EVANS, Peter. **Embedded autonomy: states & industrial transformation**. Princeton: Princeton University Press, 1995.

JOHNSON, Chalmer. **MITI and the japanese miracle**. Stanford: Stanford University Press, 1982.

WADE, Robert. **Governing the market**. Princeton: Princeton University Press, 1990.